

MENSAGEM AOS POVOS DA AMÉRICA LATINA

Tentativa de interpretação

Francisco Taborda, SJ.

The message of Puebla can be understood only if it is analysed under the point of view of the poor. The bishops as interpreters of the Latin-American peoples see the solution of the social problems in the Gospel, viewed as mostly directed to the poor classes of the society. The author thinks, therefore, that the apostolate among the poor and for the poor imprints a logic line to the whole message of Puebla.

O autor analisa a Mensagem dos Bispos, a partir do posicionamento que esses assumem, como pastores e do lugar, em que se situam, como confidentes e intérpretes dos povos latino-americanos, sobretudo dos mais humildes; portanto: do lugar dos pobres. Trata-se pois de uma análise, conscientemente assumida na ótica do pobre. Esse posicionamento é decisivo para a interpretação de toda a mensagem. Nela o evangelho é proposto como solução aos problemas existentes, precisamente porque é matriz dessa ótica e, a partir da mesma recebe nova relevância para a realidade. A essa visão, o contexto social latino-americano é classificado como "contraditório", enquanto é ao mesmo tempo depauperante e deletério da cultura "religiosa do povo. O autor interpreta essa classificação no sentido de um contexto social "criador de oposições", relacionando-o ao sistema sócio-econômico vigente, baseado nas contradições sociais, ou seja, na luta de classes. Por isso a solução proposta: "a civilização do amor" encontra sua concreticidade e dinamismo na opção pelos pobres, opção que imprime lógica a todo o conjunto. A partir dessa lógica é interpretada a exortação "levantai-vos e andai", como exigência de mobilização do povo à busca de sua libertação e no empenho de criar uma nova ordem social de autêntica "comunhão e participação".

No final da III Conferência do Episcopado Latino-Americano, em Puebla, os bispos houveram por bem aprovar uma mensagem aos povos da América Latina, sem dúvida na intenção de resumir o fundamental do documento e antecipar o conhecimento de seu conteúdo. Prova disso é que a Mensagem foi enviada à aprovação prévia do Papa, para que fosse desde logo um texto autorizado.

A Mensagem caracteriza-se por seu estilo retórico e pela pouca unidade de pensamento e exígua traveção lógica dos temas tratados. O texto parece ter brotado de um fôlego só, no correr da pena de seu autor(1). Não será, pois, de um estudo do esquema lógico subjacente que se poderá partir para a interpretação da Mensagem. Será antes necessário identificar qual a tônica global do documento.

A Mensagem desenvolve-se em torno de dois grandes polos: a descrição da situação latino-americana e a resposta cristã a

essa situação. Além disso há uma reflexão explícita sobre o sujeito que fala a respeito dos dois temas. Para interpretação do documento parece indicado partir deste último ponto.

1. O sujeito da mensagem

Ao dirigirem-se aos povos latino-americanos, os bispos se apresentam como "pastores da Igreja Católica e Apostólica, nascida do coração de Jesus Cristo, o Filho de Deus vivo" (6/8)(2). Mas essa apresentação genérica não lhes parece suficiente. A mensagem distingue, por isso, entre o discurso dos pastores sobre a situação e seu discurso sobre as soluções, e crê dever justificar diferentemente cada um desses discursos.

Efetivamente, ao tratarem "de problemas sociais, econômicos e políticos", os bispos não se legitimam a partir da revelação, nem sequer a partir da ciência, mas a partir de sua empatia com as classes popula-

(1) O Cardeal Avelar Brandão, segundo informação do observador da Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil, Pastor Bertoldo Weber (São Leopoldo). Segundo a mesma fonte, o documento foi redigido originalmente em português e nessa língua lido em plenário pelo Cardeal da Bahia. Segundo FREI BETTO, *Diário de Puebla*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1979, p. 114, teriam sido dois os autores da mensagem, os cardeais Muñoz Vega e Avelar Brandão.

(2) A "Mensagem aos povos da América Latina" será citada segundo a edição do texto provisório de Puebla: *Evangelização no presente e no futuro da América Latina. Conclusões da Conferência de Puebla* (Texto provisório), São Paulo, Paulinas, 1979. Para facilitar as referências, numerei os parágrafos da Mensagem, de 1 a 53, cada número correspondendo a uma alínea de dita edição. A referência é feita por dois números separados por travessão transversal: o primeiro indica o parágrafo segundo minha numeração; o segundo, a página da edição mencionada.

res. Falam "como intérpretes de nossos povos, confidentes de seus anseios, sobretudo da gente mais humilde, a grande maioria da sociedade latino-americana" (14/9).

Essa posição é de suma importância para a hermenêutica de toda a mensagem, pois faz dos bispos a voz dos sem voz. Sua descrição da realidade não será simplesmente uma análise pronunciada desde o alto pedestal de uma ciência neutra e descomprometida, mas será uma palavra engajada, desde um lugar social e histórico bem determinado: o lugar dos pobres. A análise da realidade que os bispos apresentam é, portanto, conscientemente assumida como uma análise na ótica do pobre.

Para propor solução os bispos se autorizam de sua qualidade de pastores da Igreja. "O que temos para oferecer-vos?" Não é ouro nem prata, mas a mensagem de Jesus de Nazaré (15/9). Portanto, aqui — seria de esperar — os pastores falam só a partir da revelação, como lá falavam a partir das classes populares. Entretanto, mesmo aqui, os bispos matizam, mostrando a mediação do histórico. Nem podia deixar de sê-lo, pois que proclamam não simplesmente a fé num Deus transcendente, mas num Deus que é ferido por tudo quanto "afeta a dignidade do homem" (21/11), no Deus que se revela em "Je-

sus de Nazaré, morto e ressuscitado" (16/9).

A solução que os bispos propugnam é, na expressão tomada de empréstimo a João Paulo II, abrir "de par em par as portas a Jesus Cristo". Não se trata de um acontecimento puramente espiritual, já que repercutirá nos "estados", nos "sistemas econômicos e políticos", nos "extensos campos da cultura, da civilização e do desenvolvimento" (17/10). Os bispos tem, pois, uma contribuição "às graves e complexas questões de nossa época" (13/9), dado que a mensagem de Cristo não cai simplesmente do céu, mas é mediada histórica, social, econômica e politicamente. Nem poderia ser diferente, pois "Jesus Cristo assumiu a humanidade e suas condições reais..." (18/10).

A adesão a Cristo se explicita, portanto, historicamente em "aceitar e assumir a causa dos pobres, como se estivessem aceitando e assumindo... a causa mesma de Jesus Cristo" (com referência a Mt 25,40) (27/12). A partir daí, "o homem deste Continente", cuja maioria são pobres, "assume para a Igreja, um significado essencial" (18/10).

Portanto, também ao proporem a revelação como solução aos problemas existentes, os bispos não o fazem simplesmente a partir do céu, mas a partir da encarnação, ou seja: do céu mediado pela terra. Eles

lêem o Evangelho desde os pobres e assim acentuarão a incidência do mesmo "no âmbito do processo político e econômico de nossos Países" (27/12).

A diferente legitimação dos dois tipos de discurso dos bispos é, em última análise, profundamente una. A empatia com as classes populares que os conduz na visão da realidade já é resultado do Evangelho que remete ao pobre como lugar da manifestação de Cristo. Ao adotarem a ótica do pobre para verem a realidade, os bispos se mostram verdadeiros "pastores da Igreja... nascida do coração de Jesus Cristo" (6/8). O Evangelho os ensinou a tomar o partido do pobre.

Essa consciência do lugar social em que a mensagem cristã precisa ser lida, não significa que a Igreja, também em seus pastores, tenha sempre seguido esse caminho, o tenha sempre "praticado na sua integridade". "Reconhecemos que estamos ainda longe de vivermos tudo aquilo que pregamos". Por isso é preciso pedir perdão "a Deus e a nossos irmãos na fé e na humanidade" (9/8). Que se trata do pecado no nível social e, portanto, de um não partidatismo pelo pobre, é o que decorre de todo o contexto.

2. A situação da América Latina

Já vimos que a situação não é descrita numa neutralida-

de pseudocientífica, mas desde a ótica do pobre. Três aspectos são enfatizados: a distância crescente entre "os muitos que têm pouco e os poucos que têm muito" (11/9; cf. 26/12), a cultura ameaçada, os direitos fundamentais violados (cf. 11/9). Essa situação não é casual. A mensagem a considera um desafio estrutural (cf. 15/9).

Há uma relação íntima entre os dois primeiros aspectos. O "contexto sócio-cultural em que vivemos" é totalmente depauperante. Destroí a justa distribuição das vantagens econômicas e sociais, causando "escassez de bens materiais, na casa dos mais pobres". E é um atentado contra sua cultura que é essencialmente religiosa ("a riqueza espiritual transbordante de fé, esperança e amor", 24/11): "tende a tirar-lhes a sua maior riqueza que é Deus" (23/11).

Ao relacionar esses dois aspectos o texto é ambíguo. Classifica o "contexto sócio-cultural em que vivemos" de "contraditório" (23/11). Ora, o termo pode significar tanto "incoerente", "ilógico", como "conflitivo", "criador de oposições". A primeira acepção corresponderia ao uso mais corrente do termo, entretanto tornaria a própria afirmação incoerente, pois a violência contra a vida econômica e social que produz "escassez de bens materiais, na casa dos mais pobres" não é contraditória com o atentado à

fé do povo. Pelo contrário, a relação entre o depauperamento material e o espiritual pertence à mais férrea lógica do sistema vigente. A acumulação de bens materiais por parte de uma minoria (com conseqüente escassez para a maioria) é expressão da perda do sentido vivo de Deus nos que põem o dinheiro por sobre o direito dos outros, e contribui para expandir tal hierarquia de valores também entre os que sofrem as conseqüências do sistema. De fato, estes ou se revoltam contra a situação, chegando até ao extremo da tentação de ateísmo, ou internalizam os valores das classes dominantes e assim perdem a Deus de perspectiva.

Se, no entanto, seguirmos a interpretação mais rebuscada e entendemos a palavra "contraditório" no sentido de "criador de oposições", o texto é perfeitamente inteligível e de inegável energia. A "concepção e o modo de agir" do sistema vigente são contraditórios, porque o próprio sistema se baseia nas contradições sociais, isto é, na luta de classes. Ora, ela é prejudicial materialmente, concorrendo para "a escassez de bens materiais", já que há os que tudo tem à custa dos outros que pouco ou nada têm. Mas também espiritualmente é danosa, enquanto negação da fraternidade e, com isso, destruição

da "maior riqueza" do pobre, sua fé em Deus. Nesta segunda conseqüência do sistema vigente, o texto fala de tendência, já que num mundo que estruturalmente é negação da fraternidade, a fé em Deus é abalada na prática da vida. É difícil crer num Pai, quando os homens não querem nem podem ser irmãos.

Resumindo, pode-se concluir que, qualquer que seja a interpretação da palavra "contraditório", a intenção da mensagem é suficientemente clara: estigmatizar o sistema capitalista "não apenas por seu caráter espoliativo, mas também por sua natureza materialista"(3).

Quanto aos direitos violados no nosso mundo latino-americano, a Mensagem elenca toda uma série: "as violências físicas e morais, os abusos do poder, as manipulações do dinheiro, os exageros do sexo, a violação, enfim, dos preceitos ao Senhor" (21/10).

Frente a essa situação, os bispos apoiam "o homem que luta, sofre e por vezes se desespera, não desanima jamais, e quer sobretudo viver o sentido pleno de sua filiação divina" (20/10). Esse sentido inclui a transformação social em direção a uma sociedade mais fraterna, pois filiação e fraternidade se incluem mutuamente. Por isso os bispos podem declarar que suas "preocupações

(3) FREI BETTO, ob. cit., p. 116.

pastorais pelos membros mais humildes do corpo social" são "repassadas de humano realismo" (26/12).

3. A solução: "civilização do amor"

Para substituir o sistema vigente, duplamente depauperante (material e espiritualmente), os bispos propõem como ideal a "civilização do amor" (34/14). A expressão é vaga e o documento mesmo se apressa em reconhecê-lo: "À primeira vista, parece uma expressão sem a necessária energia para enfrentar os graves problemas de nossa época" (38/15). Mas logo insiste em que não o é. Para prová-lo, a Mensagem remete ao mandamento do amor ao próximo (cf. Jo 15,12). Somos, pois, reenviados a uma admoestação anterior que culmina na citação de outro texto bíblico quase paralelo: Mt 25,40. Aí a Mensagem insiste na necessidade de "revisão do comportamento religioso e moral dos homens" e essa revisão se cifra em "aceitar e assumir a causa dos pobres" (27/12). Portanto, a "civilização do amor" é uma civilização construída a partir dos pobres, ou, em linguagem sociológica: a partir das classes populares. É a

lógica que perpassa todo o documento.

É o que os bispos haviam expressado desde o início, ao caracterizar sua resposta "às graves e complexas questões de nossa época" (13/9) com uma citação dos Atos dos Apóstolos 3,6 (a cura do paralítico esmoler). Eles não repetem literalmente a ordem de Pedro ao paralítico. Poêm-na no plural, referindo-a expressamente ao povo latino-americano: "Em nome de Jesus de Nazaré, levantai-vos e andai" (15/9). A recusa de esmola torna-se então rejeição de soluções paternalistas-desenvolvimentistas a partir das classes dominantes. Tais soluções não respondem a "desafios estruturais"; apenas reforçam a velha estrutura. A resposta cristã a esses desafios está na mobilização do povo mesmo, reconhecido como sujeito da história. "Levantai-vos e andai". "É preciso que o povo se levante e ande — eis a dimensão libertadora da palavra de Jesus. Nela, o povo adquire forças para, por sua própria iniciativa, buscar o que lhe falta"(4). O parágrafo explicativo é suficientemente claro. "O poder de Deus" que se manifesta em Jesus de Nazaré(5) "requer dos

(4) FREI BETTO, ob. cit., p. 116.

(5) Já é significativa a referência ao Jesus Histórico, tendo em vista sua importância numa Cristologia escrita em perspectiva latino-americana: cf. John SOBRINO, *Cristologia desde América latina (Esbozo a partir del seguimiento del Jesús histórico)*, México, CRT, 1977, 2ª ed., especialmente pp. 1-13.

homens o máximo de esforço": pôr a serviço do homem "forças espirituais, conquistas da ciência e das técnicas" (16/10).

Que é assumindo cada um sua tarefa histórica que se constrói a "civilização do amor", mostra-o a exortação aos jovens "a vencerem os obstáculos que ameaçam seu direito de participação consciente e responsável na construção de um mundo melhor" (31/13). Portanto, o mundo melhor (a "civilização do amor") é algo que se conquista e não se recebe de presente(6).

A perspectiva de opção pelos pobres que devem assumir pessoalmente a luta por sua libertação, se conecta com a própria descrição da "civilização do amor" em termos de comunhão e participação (cf. 36/14). Comunhão e participação indicam um processo social, onde todos, exercendo igualmente seus direitos efetivos como sujeitos e não objetos da história (participação), se podem sentir unidos (comunhão).

Negativamente comunhão e participação se traduzem no repúdio à dependência tanto no plano internacional (cf. 42/16) como no plano social. Violência, egoísmo, desperdício, exploração e desatinos morais (cf. 38/15) são formas de dependência no plano social, porque negações da dignidade

do outro como ser livre. Não há comunhão e participação numa estrutura de dependência.

Positivamente a "civilização do amor" exige reconciliação (cf. 39/15), já que o mundo onde ela deve surgir, é um mundo dividido. A alusão à anistia ("revisão de... comportamento frente aos expatriados e a outros problemas conexos", 40/15) sugere uma das formas de operacionalizar essa reconciliação fundada no perdão.

A "civilização do amor", embora concreta, é permanente utopia (como o Reino, de que é sinônimo, só se realiza no "já" sob a ressalva escatológica do "ainda não"). Por isso, embora adquira feições concretas ao ser lida a partir do pobre atual, a "civilização do amor" não se identifica com qualquer regime ou sistema (cf. 36/14). O Cristianismo, enquanto fôr fiel a Cristo, será sempre instância crítica frente a qualquer concreção da sociedade, já que nenhuma é o Reino consumado. Mas nem por isso pode o Cristianismo pairar no augusto empírio das abstrações. E os bispos sabem-no perfeitamente ao aludir à anistia (cf. 40/15), ao apelar à integração da América Latina (cf. 41/15) e à independência frente aos países centrais (cf. 42/16), ao condenar a corrida armamentista (cf. 43/16), numa palavra: ao incentivar à "construção da Cidade temporal" (32/14) que sempre se deverá traduzir em determinado regime e siste-

(6) Cf. FREI BETTO, ob. cit., p. 116.

ma. O Cristianismo se reserva, no entanto, o direito de julgá-los pelos critérios de uma "participação" que leve à comunhão (cf. 36/14) e assim prenuncie o

Reino. Para tanto deverá sempre tomar o partido dos pobres (cf. 27/12), o que já é algo sumamente concreto em qualquer sistema social.